

INSTITUTO DE ANTROPOLOGIA DA UNIVERSIDADE DO PORTO

**CONTRIBUIÇÃO PARA A ANTROPOLOGIA
DA IDADE DO FERRO EM PORTUGAL**

POR

A. A. MENDES CORRÊA

Professor-director do Instituto

As explorações do prof. Vergílio Correia na necrópole pre-romana de Alcácer do Sal forneceram, além dum importante espólio arqueológico de que o ilustre investigador se tem ocupado em vários trabalhos (1), alguns restos esqueléticos humanos. Tratando-se duma necrópole de cremação, os aludidos restos resultam ou de cadáveres incompletamente incinerados ou de escravos sacrificados e inumados sôbre as sepulturas dos respectivos senhores. De acôrdo com o proprietário do terreno, sr. prof. Francisco Gentil, enviou-me o meu querido amigo e talentoso colega, em sucessivas remessas, os documentos osteológicos em questão e amavelmente os confiou ao meu estudo.

São os resultados dêste estudo que, em breve resenha, exporei na presente notícia. O interêsse especial do trabalho está

(1) *Uma conferência sôbre a necrópole de Alcácer do Sal*, «Biblos», Coimbra, 1925; *Fechos de cinturão da necrópole de Alcácer do Sal*, id., id.; *Um amuleto egípcio da necrópole de Alcácer do Sal*, «Terra Portuguesa», Lisboa, 1925; *Escavações realizadas na necrópole pre-romana de Alcácer do Sal em 1926 e 1927*, «Instituto», Coimbra, 1928; *Alcácer do Sal (Esbôço duma monografia)*, «Biblos», Coimbra, 1930; *Fibulas da necrópole de Alcácer do Sal*, id., id.

em que, até à data, ainda se não haviam recolhido e estudado quaisquer peças esqueléticas humanas provenientes de estações da idade do ferro do país. Ao passo que o epipaleolítico e o neo-eneolítico teem facultado materiais dessa ordem numa abundância relativa, a antropologia dos habitantes do território nas idades do bronze e do ferro não era senão hipotética, fundando-se apenas no conhecimento dos tipos humanos do país antes e depois dessa fase arqueológica, na antropologia doutras regiões na mesma época, e em precários e rudes documentos iconográficos, como esculturas, petroglifos e efígies monetárias, que com resultados muito vagos procurei utilizar há anos para uma primeira tentativa de reconstituição antropológica da população da idade do ferro em Portugal (1).

São escassos e fragmentares, como se vai ver, os materiais submetidos à minha análise. Mais não apareceram. Entretanto, êsses mesmos fornecem base para algumas conclusões e para certas conjecturas legítimas. Começaremos, todavia, pela descrição até certo ponto detalhada dos documentos estudados. Deixaremos para depois algumas considerações de ordem geral, que o estudo feito nos impõe.

*

* *

Crânio n.º 1 — Foi encontrado, segundo informe do prof. Vergílio Correia, a 30 cm. de profundidade, com outros restos esqueléticos, no meio de cinzeiro, entre a sepultura n.º 9 e a n.º 10, e ainda, em parte, sôbre esta, mas dela separado por uma camada de terra limpa. Vítima de sacrifício — pergunta o meu ilustre infor-

(1) Mendes Corrêa, *Os povos primitivos da Lusitânia*, Porto, 1924, pág. 303 e segs.

mador — ou pobretão enterrado sem cerimónias? Perto, sob pedras soltas, encontrou aquele professor alguns ossos queimados depositos num pocico aberto no terriço.

É dos exemplares melhor conservados. No entanto, falta-lhe quasi tôda a face e quasi tôda a base. Leve, de capacidade pouco elevada, de fronte quasi vertical, de saliências pouco acentuadas à excepção das arcadas supraciliares e da glabela, e com um desenvolvimento parietal no sentido ântero-posterior, poderia ser um exemplar do sexo feminino, a-pesar dêsses caracteres serem contraditórios. Tratar-se-ia dum adulto novo, talvez de 25 a 30 anos.

Estudando a sua norma superior, registei os seguintes caracteres: contôrno elipsóide, com certa plagiocéfalia; sutura coronal bastante complicada e com um grande osso wormiano à direita; sutura sagital quasi sinostosada na parte anterior, complicada no terço médio, simples na região obélica; nítidos buracos parietais; sutura lambdóide um tanto complicada.

A norma lateral acusa: glabela e arcadas supraciliares bem marcadas; bossas frontais pouco salientes; perfil da fronte primeiramente quasi vertical e depois inflectindo-se em arco regular até ao bregma; porção superior do perfil quasi rectilínea e horizontal; ligeiro achatamento lambdático; queda pouco brusca do perfil até ao inion; protuberância occipital externa pouco saliente; inflexão consecutiva para a base sem ir até à horizontalidade; falta da porção basilar do occipital; linhas curvas temporais indistintas; apófises mastóides volumosas, mas curtas. Não é possível determinar o tipo do pterion, embora à esquerda subsista parte do esfenóide e da escama temporal, mas há grandes perdas de substância dêsses ossos e do frontal.

Na norma anterior, observei que o contôrno da abóbada era em arco regular que intumescia lateralmente, para se estreitar depois para a parte inferior, dos dois lados. À esquerda, há buraco

supraorbitário, o qual é substituído à direita por um sulco. Como foi dito, falta uma grande parte da face, notando-se apenas uma porção grande do malar direito, que forma uma parte do contorno da órbita respectiva.

Na norma posterior, o crânio aparece-nos numa altura regular, e, como a protuberância occipital externa, as linhas curvas occipitais são pouco acentuadas.

A ausência de quase toda a base do crânio, do maxilar superior e dos palatinos impossibilita o estudo da norma inferior. Nota-se apenas a robustez das apófises estilóides, e vêm-se os dois rochedos quase completos e parte do esfenoide esquerdo.

A mandíbula, encontrada juntamente com esta caveira, é pequena e leve. Encontra-se fracturada à direita da sínfise, faltando-lhe um dente incisivo nesse lado. Do lado direito, faltam ainda a região goníaca e a parte posterior do ramo montante. À esquerda, faltam também a região goníaca, a parte inferior do bordo posterior do ramo montante e a parte superior da apófise coronóide. Subsistem o côndilo e quase toda a chanfradura sigmóide.

A fórmula dentária era completa. Não há diastema post-molar. O mento é muito saliente, triangular; as apófises geni muito desenvolvidas, notando-se 2 superiores e 1 inferior. A apófise coronóide é mais alta do que o côndilo e em forma de lanceta. O bordo alveolar é parabólico, e, no bordo inferior, regista-se um pequeno desenvolvimento da fossa digástrica.

Os dentes são pequenos, sobretudo o primeiro pre-molar e o terceiro molar. Estão ligeiramente desgastados. O terceiro molar é muito menor do que os outros.

Eis os caracteres métricos que determinei no crânio, mandíbula e dentes:

Diâmetro antero-posterior máximo	176mm
» transverso max.	135mm
» vertical auricular	110mm

Diâmetro antero-posterior infaco	168mm,5
» frontal mínimo	92mm,5
» frontal máximo	124mm
» biestefânico	115mm
» bimastoideu	121mm
» biastérico	103mm
Circunferência horizontal total	495mm
Curva nasion-inion	308mm
» transversal	300mm
» sagital, parte frontal	123mm
» » » parietal	124mm
Corda do arco frontal	109mm
» » » parietal	109mm
Ângulo de convexidade frontal	129°
» da parte cerebral	137°
» de inclinação do frontal, seg.º o plano glabella-lambda	42°
» do perfil do frontal, seg.º o mesmo plano	73°
» de inclinação do frontal (32-1 de Martin)	59°
» glabella-bregma (32-2 de Martin)	58°
» de perfil do frontal (32-a de Martin)	89°
» lambda-inion (33-1-b de Martin)	86°
Capacidade calculada (método de Pearson)	1276cc,5
Índice cetálico	76,7
» aurículo-vertical, de comprimento	63,6
» » » , de largura	81,5
» fronto-transversal	74,6
» estefânico	80,5
» transversal fronto-parietal	68,5

Mandíbula (1):

Altura sínfisiana	24mm
» do corpo	27mm
Espessura máxima do corpo	12mm
Comprimento do côndilo esquerdo	18mm,5
Largura do mesmo	7mm
Índice do côndilo	37,8

(1) Não foi possível determinar o ângulo sínfisiano, em vista da falta dos gonions que não permitia uma ideia justa do plano do bordo inferior do osso. Mas devia ser muito baixo.

Dentes:	PM ₂		M ₁		M ₂		
	Dir.	Esq.	Dir.	Esq.	Dir.	Esq.	
Diâmetro médio-distal	6mm,5	5mm,5	9mm,5	10mm	9mm	9mm	
» lábio-lingual	6mm,5	7mm	9mm,5	10mm	8mm,5	9mm	
Índice	100,0	127,3	100,0	100,0	94,4	100,0	
Módulo	-	-	9,5	10	8,75	9	
Índice de comprimento de PM ₂ e M ₁						Dir. 68,4	Esq. 55,0
» » largura » » »						Dir. 68,4	Esq. 70,0

Pelos seus caracteres métricos, este exemplar é subdolico-céfalo, hipsicrânio (quasi ortocrânio), métrio-crânio, metriométrico, euricéfalo (na classificação de Virchow), etc.

Em relação às médias portuguesas actuais o crânio apresenta, dum modo geral, dimensões lineares mais pequenas do que as médias masculinas fornecidas por Ferraz de Macedo (1), o que confirma a suposição de se tratar dum crânio feminino. Os diâmetros transversos máximo e frontal mínimo quasi se identificam com as médias femininas correspondentes determinadas por Eduardo Valença em Portugueses actuais num trabalho do nosso Instituto (133,23 e 92,76) (2). O mesmo autor encontrou, porém, para os diâmetros frontal máximo e bitemporal médias femininas que as medidas correspondentes do crânio saliciano excedem, sobretudo quanto ao primeiro diâmetro. Mas os valores relativos aos ângulos da frente são muito próximos dos de Portugueses actuais, obtidos por Valença. Quanto às porções frontal e parietal da curva sagital, o crânio de Alcácer apresenta valores inferiores—sobretudo quanto à segunda—às médias femininas portuguesas, determinadas por A. João da Cunha, também

(1) *Crime et Criminel*, Lisboa, 1892.

(2) *A frente nos Portugueses*, Pôrto, 1925.

em trabalho do Instituto (1). O índice do côndilo da mandíbula é inferior às médias portuguesas de J. Anciães Proença (2), mas está dentro dos limites de variação nos Portugueses. O índice céfalico é um pouco superior, o índice frontal bastante maior, o estefânico um pouco mais baixo. É de registar que o índice fronto-parietal quasi coincide com a média feminina dos Parisienses modernos estabelecida por Manouvrier (68,6). Coincidência sem significado de maior. Mais expressiva é a proximidade da média portuguesa de E. Valença (69,7).

Não determinei muitos índices que as mensurações efectuadas me proporcionariam, nem me detive na análise de muitas das mensurações obtidas. Registo-as apenas para quem tenha curiosidade de as analisar, mas não me parece que para a minha investigação seja indispensável tanta minúcia. Não se trata de exemplares fósseis em que um tal detalhe se imponha para confrontos com os Primatas e com o homem moderno, nem há mesmo em estudos de craniologia dos Portugueses actuais alguns elementos de comparação que conviria possuir (3).

*

* *

Crânio n.º 2—Escavando na barreira sul do terreno, onde encontrou duas sepulturas romanas, o prof. Vergílio Correia des-

(1) *Notas de Comptométrie nos crânios portugueses*, Pôrto, 1926.

(2) Também em trabalho do Instituto: *Notas de morfologia mandibular*, Pôrto, 1919.

(3) Sobre os índices e módulos dos dentes há elementos de comparação nos meus trabalhos: *Homo*, 2.ª ed., Coimbra, 1926, págs. 106 e 107; e *A sepultura neolítica do Vale das Lages e os "edlitos" de Ota*, «Bull. de la Assoc. Catalana de Antropologia, Etnologia i Prehistoria», Barcelona, 1925, págs. 20 e 21 da separata. Aí são citados também os trabalhos de Sera e Hrdlicka sobre esses índices e módulos, acentuando eu, porém, que, em geral, esses elementos parecem de reduzido valor em antropologia étnica.

cobriu este crânio a 0^m,60 de profundidade no meio de cinzeiro pouco espesso. Estava desacompanhado de qualquer objecto. Aquele investigador não se fixou sobre a data, pre-romana ou romana, deste crânio, por falta de elementos e por haver sepulturas duma e doutra épocas no local.

É um exemplar robusto, espessíssimo, volumoso, porcelanado. Com os numerosos fragmentos foi possível reconstituir uma parte do frontal (porção média e parte do lado direito), uma parte da escama do occipital e grande parte da região parietal. Ficaram soltos dois fragmentos de ossos da abóbada (um menos espesso do que o outro) e existem quasi todo o malar direito e grande parte do maxilar superior do mesmo lado.

Pelo conjunto dos ossos da abóbada, fortes, amplos, espessos, de eminências acentuadas (como a glabella e arcadas supra-orbitárias), pela inclinação da frente, etc., devia tratar-se dum indivíduo masculino. O parietal esquerdo mostra vestígios de calcinação.

Tentando reconstituir conjecturalmente a norma superior deste exemplar, que era evidentemente volumoso e largo, e estreitava para a parte anterior, inclino-me a dá-lo como de tendência braqui-esfenóide.

Cnmo dissemos, a glabella e as arcadas supraciliares são salientes. A sutura metópica é ainda visível na região glabellar, os seios frontais volumosos, o perfil da frente em arco de grande raio, bastante inclinado. Faltam as bossas frontais, que talvez fôsem pouco marcadas, a ajuizar pela tendência ao estreitamento anterior, que se manifesta na região parietal. Internamente, a crista frontal e a goteira do seio longitudinal superior apresentam grande desenvolvimento. A espessura máxima do frontal é, lateralmente, de 7^{mm},5. A curva da parte subcerebral (glabellar) é de 25^{mm}, a corda respectiva de 22^{mm},5, o que dá um índice de 90.

Quanto à região parietal, faltam a parte anterior do parietal

esquerdo e grande porção de ambos os parietais no meio da parte anterior e, à esquerda, ainda na proximidade do bordo temporal. Atrás, os dois parietais chegam ao contacto na sutura sagital. Há achatamento obélico. As bossas parietais são bem distintas. O parietal esquerdo foi seccionado à frente na linha média (traumatismo no vivo ou corte *post mortem*?). Em parte do mesmo parietal e do direito, falta a tábua externa e o primeiro apresenta, nalguma extensão, a côr negra resultante da acção do fogo. Examinada pela norma posterior, a região occipital apresenta uma curva em arco contínuo e regular. Internamente, vêem-se nos ossos os sulcos da artéria meníngea média, as eminências mamilares, as depressões digitais. A goteira longitudinal superior é também perfeitamente distinta, bem como à esquerda a goteira do seio lateral. Não se vêem externamente os buracos parietais. A parte que se nota da sutura sagital está completamente sinostosada. À direita, vê-se uma parte da sutura coronal, um tanto complicada. A sutura lambdóide era ainda mais complicada. Junto das bossas, os parietais tem as espessuras de 8^{mm} e 8^{mm},5, respectivamente à direita e à esquerda.

O fragmento do occipital que nos resta, permite o reconhecimento da parte inferior da crista occipital externa e de parte das linhas curvas occipitais inferiores. A ajuizar pelo desenvolvimento dessas rugosidades, a protuberância iníaca deveria ser bem saliente, mas falta tôda a parte superior do osso e há mesmo apenas um pouco do rebôrdo do buraco occipital, na região opistíaca. Internamente, vê-se a parte inferior da crista occipital interna e parte da goteira lateral esquerda. O osso é relativamente espesso. O fragmento é demasiadamente pequeno para se reconstituir o perfil inio-opistíaco.

Do malar direito, robusto e pouco saliente, faltam um pouco da apófise temporal e os extremos das apófises frontal e maxilar. Em virtude deste facto, não é possível definir com rigor a forma

geral do osso, mas parece ser *em esquadria*, o tipo que, segundo Aurélio da Costa Ferreira (1), é mais freqüente nos crânios pre-históricos. Há dois canais malares.

No maxilar superior, que é do mesmo lado, faltam quasi tôda a apófise palatina e o extremo posterior da apófise alveolar, vendo-se ainda uma parte do alvéolo do terceiro grande molar e, à frente, uma parte da região da espinha nasal. Conservada tôda a apófise ascendente. A fossa canina não é muito escavada. Um pouco do rebôrdo inferior da abertura nasal permite crer que êsse rebôrdo seria bem marcado, excluindo assim a presença de clivo naso-alveolar e mesmo a de grandes fossetas. Vê-se o seio maxilar. A arcada alveolar é pequena em relação ao crânio (face reduzida?), e os dentes muito pequenos. Estão ainda implantados o primeiro premolar (partido), e o primeiro e segundo grandes moçares cujas medidas são as seguintes:

	M ¹	M ²
Diâmetro lábio-lingual da corôa	9mm,5	10mm,0
» médio-distal » »	6mm,5	6mm,0
Índice	68,4	60,0
Módulo	8,0	8,0

Há um diastema entre os dois grandes molares, cujas corôas são sub-rectangulares ou paralelogrâmicas, com a superfície rugosa, devendo, porém, notar-se em M¹ a existência de prováveis efracções. Pelo aspecto do osso, o maxilar parece do mesmo crânio, mas é evidentemente muito reduzido em relação a êste. Parece prognata.

Emfim, êstes restos eram acompanhados dum pequeno fragmento de osso longo, de-certo da tíbia, na parte intermediária

(1) *Sobre a configuração do malar*, «Trabalhos da Soc. Portug. de Antr. e Etnol.», Porto, 1920.

entre os terços médio e superior. O fragmento tem o mesmo aspecto de mineralização e a mesma côr dos ossos cranianos encontrados conjuntamente.

Tratava-se, em suma, dum individuo adulto, grande, robusto, verosimilmente masculino, com provável tendência braqui-esfenoide no seu contôrno craniano. Se o maxilar superior lhe pertence, apresentaria redução alveolar e dentária, relativamente ao desenvolvimento do crânio cerebral, e possível prognatismo.

*

* *

Crânio n.º 3—Os seus fragmentos foram encontrados a 0^m,25 de profundidade, na sepultura n.º 37, depositos na parte inferior dum vaso-ossuário partido.

Foi possível a reconstituição, em parte hipotética, dum porção dêste crânio, faltando, porém, tôda a face, parte das regiões temporais (apenas do lado esquerdo se conservam parte do rochedo, a região mastoidea e pequena parte da região escamosa), parte dos parietais e do occipital, e grande parte da base. Tratava-se certamente dum individuo masculino, em vista do desenvolvimento da glabella e outras rugosidades e eminências, inclinação da frente, volume craniano, etc., e embora a soldadura das suturas esteja atrasada, era crívelmente um adulto.

Ao exame da norma superior apareceu-nos êste exemplar com o contôrno elipsóide regular, bossas frontais e parietais pouco distintas e com bastante complicação das suturas visíveis.

Na norma lateral observa-se: glabella e arcadas supraciliares acentuadas, frente de inclinação marcada e em curva regular que se prolonga até um pouco atrás do bregma; occiput em curva regular com ligeiro *meplat* obélico; protuberância occipital bem distinta; a curva do perfil desce do ínion para a frente até ao opistion, não chegando à horizontalidade.

A norma inferior pouco dá. Conserva-se ainda um pouco do contôrno do buraco occipital, que devia ser largo. Os seios frontais, visíveis em consequência de fractura, são espaçosos.

Norma anterior: Fronte estreita; vê-se uma parte das arcadas orbitárias; as órbitas seriam talvez baixas.

Norma posterior: Occiput rugoso; linhas curvas occipitais distintas; a abóbada em arco aberto, regular.

O crânio é pouco espesso. Na superfície endocraniana são bem visíveis os sulcos da artéria meníngea média e as perfurações de Pacchioni. Na face interna do frontal, do lado esquerdo, há uma lesão óssea profunda (osteíte?). A crista frontal interna é muito desenvolvida.

Eis algumas medidas que foi possível obter neste exemplar:

Diâmetro antero-posterior máximo	172mm
» » » infaco	156mm
» transverso máximo	135mm (?)
» frontal mínimo	90mm
» » máximo	115mm (?)
Curva horizontal aproximada	470mm (?)
» sagital nasion-opistion	389mm
Parte frontal desta curva	121mm
» parietal	143mm (?)
» occipital	125mm (?)
Corda do arco frontal	105mm
» da parte cerebral	92mm
» » » glabelar	16mm
Curva da parte cerebral do frontal	97mm
» » » glabelar	16mm
Ângulo da convexidade frontal	138°
» » parte cerebral	137°5
Índice cefálico	78,5 (?)
» fronto-transversal	78,3 (?)
» transversal fronto-parietal	66,7 (?)

Pelos seus caracteres métricos, este crânio é mesaticéfalo e metriométrico, as suas dimensões lineares são, em geral, mais

baixas do que as médias obtidas por Ferraz de Macedo em Portugueses contemporâneos. Apenas a porção parietal da curva sagital e, menos acentuadamente, a porção occipital excedem essas médias. O índice fronto-transversal é inferior à media obtida por E. Valença em Portugueses do nosso tempo, dando-se o contrário com o índice fronto-parietal. O ângulo de convexidade frontal é superior à média obtida por Valença (130,7), o que atesta menor convexidade e maior inclinação. As observações feitas sobre as curvas cranianas, em confronto com as médias de F. de Macedo, são confirmadas pela comparação com as médias de A. J. da Cunha (1).

As diferenças registadas não implicam que os valores do crânio de Alcácer estejam fora dos limites da variação individual nos crânios portugueses de hoje.

É ocioso renovar as considerações expendidas, a propósito do crânio n.º 1, sobre o facto de nos termos dispensado de apreciar algumas medidas e extrair alguns índices.

*

* *

Crânio n.º 4 — Encontrado com outros ossos no cinzeiro espesso da sepultura n.º 83, não estava queimado. O indivíduo teria sido sacrificado sobre a pira.

Pôde restaurar-se quasi toda a parte cerebral do crânio. Faltam parte da base e quasi toda a parte facial, superior e média.

Hesito na diagnose do sexo, embora inclinando-me a que se trate dum exemplar masculino. O seu volume, as suas dimensões gerais, a sua robustez, assim mo levam a supor. A fronte, as bossas marcadas, porém, são antes indicadoras do sexo feminino.

(1) Vd. atrás os trabalhos citados não só deste autor como de Ferraz de Macedo e E. Valença.

A norma vertical acusa contôrno subpentagonóide, fracturas recentes no parietal esquerdo, bossas frontais e parietais muito acusadas, persistência da sutura metópica, suturas da abóbada não sinostosadas e de complicação variável (pequena junto do bregma e na escama do temporal, grande no resto), ossos vomianos fontanelares e suturais lambdóides, grandes.

Na norma lateral nota-se a verticalidade da frente, uma inflexão metópica um pouco brusca subindo o perfil até um pouco à frente do bregma, a quasi horizontalidade da porção superior do perfil, que antes do obélion se inflecte para baixo e para trás um tanto bruscamente. Esbôço de *chignon* occipital, acentuada protuberância iníaca e linhas curvas occipitais marcadas, apófises mastóides desenvolvidas.

Norma occipital: abóbada em arco contínuo e aberto, com inflexão brusca nas bossas parietais e ligeiro estreitamento para a base.

Na norma anterior, constata-se: o contôrno superior um pouco em telhado, a glabella quasi lisa, as arcadas supraciliares sensíveis na porção interna, metopismo, chanfraduras supraorbitárias bem rasgadas, um certo estreitamento frontal.

Examinando o crânio inferiormente, vê-se a parte posterior do contôrno do buraco occipital e a superfície endocraniana com as suas goteiras e sulcos vasculares e uma depressão na parte ântero-superior do parietal direito.

A espessura óssea no meio do frontal é de 6^{mm},5, ao nível do inion 8^{mm}.

Outras medidas:

Diâmetro ântero-posterior max.	177mm
» transverso max.	148mm
» vertical auricular	109mm
» ântero-posterior iníaco	159mm
» frontal mínimo	91mm,5
» » max.	128mm (?)

Diâmetro biestefânico	121mm
» biauricular	117mm
» biastérico	112mm
» bimastoideu max.	116mm
Circunferência horizontal	520mm
Curva sagital nasion-inion	333mm
» transversal	312mm (?)
» sagital total.	379mm
» » , parte frontal	127mm
» » , » parietal	127mm
» » , » occipital	125mm
Corda do arco frontal	109mm
» » » parietal	109mm
Ângulo de convexidade frontal	129°
» » » da parte cerebral	135°
» » inclinação do frontal (32-1)	62°
» glabella-bregma (32-2)	58°
» de inclinação da parte cerebral do frontal (32-4)	56°
» » » do occipital (33-a)	118°
» » inflexão occipital (33-4)	118°
Capacidade calculada (Pearson)	1401cc,5
Índice cefálico	83,6
» aurículo-vertical, de comprimento	61,6
» » » , » largura	73,6
» frontal transversal	71,5
» estefânico	73,2
» transversal fronto-parietal	61,8

Pelos seus caracteres métricos êste crânio é sub-braquicéfalo, ortocrânio, tapeinocrânio, estenométopo, metriocéfalo (seg. a class. de Sergi da capacidade craniana), etc.

O alto índice cefálico dêste crânio, em relação ao tipo médio português, torna quasi ociosos certos confrontos com êste tipo, do qual se distingue por aquele motivo. Apenas acentuarei que as curvas sagitais frontal e parietal se aproximam muito das médias obtidas por A. J. da Cunha, ao passo que a occipital e a horizontal as excedem bastante. Comparando com os elementos obtidos por E. Valença no estudo da frente nos Portugueses, verifica-se também que esta região estreita à frente mas alarga

atrás e que a sua convexidade é um pouco mais acentuada do que, em média, nos crânios ♂ estudados por aquele autor.

Um sumário confronto das medidas do exemplar de Alcácer com as dos braquióides portugueses que estudei noutro trabalho (1), mostra grande afastamento das médias destes últimos em relação aos índices frontal mínimo ou transversal e estefânico; e a tendência platicéfala acusada pelos índices aurículo-verticais distingue também o espécime salaciano da tendência hipsicéfala média dos braquióides portugueses actuais. Quanto às curvas sagitais, não consegui isolar um só braquióide português do nosso Instituto que pudesse aproximar-se francamente do exemplar em questão. A verdade, porém, é que o estado de conservação deste nos não proporciona outros elementos de comparação que deveriam ser ponderados, como seriam, por exemplo, vários da face.

Quatro fragmentos do maxilar superior acompanhavam os restos já descritos. Dois fragmentos, das partes laterais, são grandes. A fórmula dentária é completa, tendo apenas caído o canino direito e o último molar esquerdo, de-certo *post mortem*. A abóbada palatina era escavada. Os dentes não se apresentam muito desgastados e são grandes. A arcada dentária era parabólica. Nota-se um nítido prognatismo sub-nasal, alveolar e dentário.

Eis algumas medidas tomadas neste maxilar e nos dentes:

Comprimento da fiada de molares e pre-molares à direita 42mm

	PM ²		M1		M ²		M ³
	Dir.	Esq.	Dir.	Esq.	Dir.	Esq.	Dir.
Diâm. lábio-lingual da corôa	9mm	9mm	10mm,5	11mm	11mm	11mm	9mm
» médio-distal » »	7,5	7	11,5	11	8,5	9	8
Índice	120,0	135,7	91,3	100,0	129,4	122,2	112,5
Módulo	8,25	8,25	11,0	11,0	9,75	10,0	8,5

(1) *Estudos da etnogenia portuguesa (Crânios braquicéfalos)*, « Anais da Fac. de Med. do Pôrto », Pôrto, 1918.

Nos dois molares anteriores, de ambos os lados, é bem visível a crista oblíqua protocone-metacone. Os dois últimos molares estão comprimidos obliquamente.

A mandíbula que acompanhava este crânio, pôde reconstituir-se, excepto uma porção interna do côndilo direito. Era robusta. A fórmula dentária era completa, tendo-se, porém, dado a queda dum canino, seguida da reabsorção alveolar. Os dentes apresentam desgaste de grau muito desigual.

Há extroversão goniaca, com apófises lemurianas. A mandíbula assenta sobre o plano horizontal pelos 2 gonions e por um ponto do bordo inferior ao nível dos premolares esquerdos. As apófises geni estão reduzidas a uma pequena tuberosidade. As fossetas digástricas são profundas. As apófises coronoideias são em arco gótico, de base larga, atingindo quasi a altura do côndilo à esquerda, mais alta à direita. A chanfradura sigmóide é pouco profunda. O mento é muito saliente, triangular, com pequenas cristas laterais basilares.

Algumas medidas da mandíbula:

Altura sinfisiana	28mm
» do corpo	27
Largura bicondílina	116
» bigoniaca	100
Linha bimentoniana	56,5
Altura do ramo esquerdo	65,5
Largura do ramo esquerdo	28
» » » direito	28
Distância côndilo-coronoideia	36
Flecha da chanfradura sigmóide	11
Comprimento do côndilo esquerdo	20
Largura » »	6
Ângulo sinfisiano	74°
» mandibular	115°
Índice do ramo esquerdo	42,7
» do côndilo esquerdo	30,0

	PM ₂		M ₁		M ₂		M ₃	
	Dir.	Esq.	Dir.	Esq.	Dir.	Esq.	Dir.	Esq.
Diâm. médio-distal .	7mm	7mm	11mm	11mm	10mm	10mm	10mm	10mm
» lábio-lingual .	8,5	8,5	10	10	9	9,5	9	9
Índice	121,4	121,4	90,9	90,9	90,0	95,0	90,0	90,0
Módulo	-	-	10,5	10,5	9,5	9,75	9,5	9,5

Índice de comprimento de PM ₂ e M ₁	{ Dir. 63,6
	{ Esq. 63,6
» » largura » » » »	{ Dir. 85,0
	{ Esq. 85,0

Em relação às médias portuguesas de Ferraz de Macedo, esta mandíbula apresenta muito pequenas diferenças na altura do corpo e na largura bicondilar, mas é mais desenvolvida na largura bigoníaca, e sobretudo na linha bimentoniana e na altura do ramo. Neste, porém, a largura é menor do que na mandíbula média portuguesa, o que dá um índice do ramo muito inferior à média respectiva, que é de 52,71, isto é, superior dez unidades. Quanto ao índice do côndilo, é menor do que as médias portuguesas obtidas por Anciães Proença. Está mesmo fora dos limites de variação, indicados pelo mesmo autor, embora próximo da média humana dada por Sappey (33). Quanto aos módulos e índices dos molares inferiores, não facultam conclusões etnológicas, comparados com os de Hrdlicka.

*

* *

Com este último crânio foram-me enviados vários fragmentos de ossos longos: duas diáfises femurais, um fragmento de diáfise radial esquerda, três pequenos fragmentos de cúbitos, duas metades inferiores de diáfises humerais. Destas últimas, uma vinha muito arqueada (pela acção do fogo?). Dum modo geral, estes

ossos parecem demasiado franzinos e pequenos para pertencerem ao portador do crânio. O prof. Vergílio Correia, a quem expus o facto, com as minhas dúvidas sobre a possibilidade de atribuir êsses ossos ao mesmo indivíduo a que pertenceu o crânio n.º 4, respondeu-nos que «não podia duvidar de que êste indivíduo tivesse sido sacrificado sobre a pira, por não estar queimado, jazendo embora no espesso cinzeiro» mas admite que os ossos que lhe não são atribuíveis, tivessem pertencido ao outro indivíduo sepultado.

Apenas os restos femurais fornecem alguns elementos morfológicos. A linha áspera era muito saliente. A meio da diáfise, tomei as seguintes medidas respectivamente nos exemplares direito e esquerdo: Diâmetro ântero-posterior, 27^{mm},5 e 28^{mm}; transversal, 23^{mm},5 e 23^{mm}; perímetro da diáfise, 81^{mm} e 79^{mm}; índice pilástrico, 117,0 e 121,7. Estes índices são muito elevados em relação às médias que determinei em Portugueses contemporâneos (1), avizinhandos-se de algumas médias de populações inferiores (2). O perímetro da diáfise é pequeno.

O fémur, reconstituído com probabilidade em face das medidas obtidas, corresponderia a um actual de 418^{mm} de comprimento em posição e de 421^{mm} de comprimento máximo. Estes números dariam uma estatura aproximada de 1^m,60 a 1^m,62, sendo masculino o fémur, e de 1^m,55 sendo feminino. Embora tais resultados sejam muito problemáticos, a verdade é que as dimensões do fémur não estão em relação com as do crânio. Êste pertenceria por certo a um indivíduo mais robusto do que o possuidor dos ossos longos em questão.

(1) *Povos primitivos*, op. cit., pág. 353.(2) Dadas por Martin, *Lehrbuch der Anthropologie*, 2.^a ed., t. II, Iena, 1928, págs. 1135 e 1136.

*

* *

Ossos da sepultura com o amuleto de Psamético — Tratava-se duma sepultura do tipo n.º 4, ou seja, com «o depósito funerário composto de ossos carbonizados, carvões e cinzas, dentro do qual jaziam vazilhas pequenas, armas, jóias e outros objectos (que todos sofreram a acção do fogo), resguardado superiormente por uma camada de pedras aglutinadas, e inferior e lateralmente por um verdadeiro sarcófago, caixa ou caixão cavado na rocha do fundo» (1). Havia poucos ossos nessa sepultura, à qual pertence o n.º 84, e estavam misturados com cinzas. O amuleto de Psamético I do Egito (515-609 a. C.) foi o mais importante achado desta sepultura e de-certo um dos mais importantes da necrópole.

Verifiquei que os ossos estavam reduzidos a pequeníssimos fragmentos. Apresentavam-se, todos, porcelanados, pesados, alguns torcidos e estalados, manifestando a acção do fogo. Apenas pude distinguir um fragmento de acetábulo e alguns de ossos longos diversos, mas todos insusceptíveis de estudo concludente, devendo notar-se, porém, que alguns não parecem humanos, o que está de acôrdo com o informe do dr. Vergílio Correia de que havia, por cima, nestes depósitos funerários, restos ósseos de animais sacrificados. Alguns fragmentos de ossos longos são grossos, permitindo crer que se tratava dum ser grande e robusto.

*

* *

Ossos da sepultura n.º 93 — Foram encontrados dentro da vazilha. Trata-se de fragmentos numerosos que sofreram evidente-

(1) Vergílio Correia, *Escavações*, etc., op. cit., pág. 8 do extr.

mente a acção do fogo. Alguns são pesados, porcelanados, mais ou menos torcidos.

Pelas dimensões, parece tratar-se de restos duma criança. Foi possível determinar um fragmento muito deteriorado da parte anterior do maxilar superior esquerdo. Parece que a abóbada palatina era escavada. Notam-se ainda alguns alvéolos e mesmo um dente. Reconhecem-se também uma rótula direita e alguns fragmentos de vértebras (por exemplo, a parte anterior dum axis, pequeno, e uma vértebra lombar incompleta), de costelas, de ilíacos, de ossos longos. Entre estes últimos, destaques: a epífise superior dum rádio esquerdo, mais pequena do que a duma menina de 16 anos com que a comparei, e a cabeça e o colo dum fémur direito, também mais pequeno. As medidas da cabeça femural são: diâmetro vertical, 31^{mm}; transversal, 34^{mm}, correspondendo a um índice de secção de 109,7, bastante superior à média que obtive em Portugueses adultos de hoje.

À rótula, muito pequena, correspondem as medidas seguintes:

Espessura máxima	13 ^{mm}
Altura >	34
Largura >	31
Índice de altura-largura	109,7

*

* *

Resultados gerais — Outros ossos enviados não ofereciam elementos antropológicos do menor interesse, porque estavam reduzidos a fragmentos insignificantes.

Cingindo-me, assim, aos resultados do exame dos crânios e dos outros documentos osteológicos cuja descrição fica feita com um certo detalhe, porei em relêvo apenas alguns factos mais im-

portantes, tanto mais que se trata duma série insuficiente para conclusões latas e formais.

Feitas estas reservas indispensáveis, notarei: que o índice cefálico em todos os exemplares excede a média portuguesa actual; que, em um ou dois exemplares em que a proeminência facial se pôde apreciar, havia prognatismo; e, enfim, que, sobre um grande número de caracteres de menos concludente significado etnológico (ângulos e índices da frente, curvas cranianas, etc.) não era possível aproximar êsses documentos, com segurança, de quaisquer tipos conhecidos da antropologia prehistórica ou actual do território português, antes nalguns se notam divergências impressivas. Quando muito, seria lícito colocar com muita probabilidade o portador do crânio n.º 1 dentro dos limites de flutuação do tipo dolicoide ibero-insular a que correspondem as médias portuguesas actuais. Os restantes exemplares divergem acentuadamente dêsse dolicoide, não só na tendência braquicéfala como no prognatismo acusado em um ou dois maxilares superiores. Enfim, embora alguns exemplares sejam robustos, os restos de ossos longos deixam a impressão de que a estatura seria mediana ou inferior à mediana.

No epipaleolítico de Muge, na época neo-eneolítica, na época romana, na época bárbara, na actualidade, registam-se espécimes braquioides (1). Mas tôdas as tentativas que fiz no sentido duma aproximação estreita dos exemplares de Alcácer com qualquer dêsses espécimes não surtiram êxito.

Evidentemente, tenho da amplitude das variações individuais em Antropologia a noção necessária para reconhecer que êsse facto não basta para excluir a hipótese de relações entre os braquioides de Alcácer e os doutras épocas e regiões do país. Mas

(1) V. meus *Estudos da etnogenia portuguesa (Crânios braquicéfalos)*, op. cit.

predomina quási sempre, neste, a dolicocefalia com a qual, aliás, não são impossíveis certas aproximações (1), e, por outro lado, os braquioides actuais e primitivos do país mostram uma tendência hipsicéfala, que é oposta à tendência platicéfala registada no crânio n.º 4, tendo-me permitido até aventar, entre outras hipóteses, a duma sua origem armenóide.

Assim, o braquióide salaciano parece ter mais afinidade com o braqui-platicéfalo europeu (celto-bretão? ligúrico?) da raça alpina, tão bem estudada por Broca, Pittard, Reicher, etc., do que com os braqui-hipsicéfalos da bacia do Adriático ou da Ásia Anterior.

Mas não será racional procurar antes a sua aproximação com o braquicéfalo pequeno, norte-africano, que Bertholon e Chantre isolaram na ilha de Gerba e nas costas orientais da Tunísia? (2) Alguns autores relacionam êste elemento com os braquicéfalos de Muge ou antes com os «Prospectors» de Fleure ou «Armenóides marítimos» de Elliot Smith. Notemos, porém, que os «Prospectores» são descritos como de alta estatura, como de glabella e arcadas supraciliares não salientes, etc. (3).

Segundo Giuffrida-Ruggeri, uma braquicefalia moderada estaria relacionada com a repartição dos dolmens nas costas europeias (4). Os «Prospectores» são dados efectivamente por Fleure como um dos grupos ligados com a distribuição costeira dos megálitos e ocupados no tráfico, também costeiro, do cobre; do

(1) Não é impossível que alguns braquioides resultem de flutuações individuais de tipos dolicocefalos (Vd. minha nota *La minorité brachycéphale chez les Portugais et l'origine de la brachycéphalie*, «C.-R. des séances de la Soc. de Biologie», t. C, pág. 526, 1928).

(2) Bertholon & Chantre, *Recherches anthropologiques dans la Berbérie Orientale, Tripolitaine, Tunisie, Algérie*, «Bull. de la Soc. de Géogr.», Paris, 1918, pág. 375.

(3) A. C. Haddon, *The races of man*, Cambridge, 1924, págs. 28 e 33.

(4) V. Giuffrida-Ruggeri, *Antropologia e archeologia in taluni riguardi della preistoria europea*, «Arch. per l'Antr. e l'Etnol.», t. XLVI, Firenze, 1917.

estanho e do oiro. Mas há que procurá-los entre os poucos braquioides neo-eneolíticos do território, quando muito entre os que surjam, referíveis à época do bronze. Na segunda idade do ferro, a não admitir uma funda solução de continuidade entre a dolicocefalia predominante neo-eneolítica e a actual do país, está mais indicado talvez procurar numa influência estranha coeva a origem da tendência mesati-braquicéfala constatada em Alcácer.

O prognatismo observado num ou dois maxilares superiores de Alcácer não é, de-certo, um facto que não tivesse precedentes no *H. tagnus* de Muge ou em alguns espécimes neo-eneolíticos do território. Mas nem porisso deixa de sugerir uma aproximação negróide, que é excepcional na população portuguesa contemporânea.

Dêste modo, sabido que a necrópole de Alcácer do Sal, segundo as investigações de Vergílio Correia, corresponde a uma população «indígena em contacto directo com os navegadores mediterrâneos», é de admitir a hipótese de que os documentos osteológicos agora estudados não seriam, em geral, de verdadeiros indígenas ou revivescências mais ou menos modificadas dos antigos capsenses peninsulares de origem africana, mas antes de recémchegados estranhos, de nautas ou mercantes, sobretudo púnicos, ou de escravos sacrificados, nalguns dos quais não faltariam mesmo feições negróides (como o prognatismo), sendo duvidoso que se tratasse de verdadeiros tipos nigríticos, por não ter até agora aparecido ali a tendência dolicoide tão marcada em geral nestes tipos.

Note-se, entretanto, que no Algarve, na época romana, crânios de escravos, estudados por Álvaro Basto e Ferraz de Macedo (1) oferecem ao lado de dolicocefalos e mesaticéfalos, alguns

(1) Citados em meus *Estudos da Etnogenia Portuguesa*, op. cit., pág. 14 do extr.

sub-braquicéfalos e braquicéfalos. Já, em crânios da época romana, de Viana do Alentejo, há apenas dolicocefalos ou mestiços destes com braquicéfalos: braquicéfalos propriamente, não se encontraram (1).

Na minha tentativa, já referida, de reconstituição da etnologia do território na idade do ferro, sobre documentos iconográficos, mencionei uma estatueta precisamente de Alcácer do Sal, descrita por Leite de Vasconcelos, como possivelmente coeva da necrópole. Mas nada de seguro tal peça nos diz para a antropologia. Teria, segundo aquele ilustre professor, a cabeça cônica, o pescoço grosso e grande, as pernas curtas, etc. (2).

As moedas, também de Salácia, com caracteres ibéricos forneceram a essa tentativa effigies, que defini «caucasóides com os cabelos um pouco ondedos» (3). Nada de prognatismo, de plattirrinia, dos cabelos crespos a que Marcial e Tácito aludiram, em relação aos Hispanos.

Mas é da maior importância recordar o facto, citado por Leite de Vasconcelos (4) de que, na actualidade, existem no concelho de Alcácer do Sal famílias numerosas de mulatos. Logo se pensa em que se trate de revivescências dos negróides pre-romanos, de que se teria encontrado o rasto remoto no escasso espólio osteológico da necrópole. Simplesmente sugere dúvidas à hipótese de tão longínqua ascendência local o facto averiguado de importações, bem mais recentes, de sangue nigrítico se terem diluído na massa dominante, caucasóide, da população portuguesa (5).

Não me parece que se possam tirar quaisquer indicações em

(1) Costa Ferreira, *Contribution anthropologique à l'étude de quelques cimetières anciens du Portugal*, «Bull. et Mém. de la Soc. d'Anthr. de Paris», Paris, 1914.

(2) *Religiões da Lusitânia*, III, Lisboa, pág. 68.

(3) *Povos primitivos*, etc., op. cit., pág. 310.

(4) «Arqueólogo Português», t. I, pág. 67.

(5) *Povos primitivos*, op. cit., pág. 329.

favor da permanência dos tipos salacianos pre-romanos no sul de Portugal, do facto de o índice cefálico médio do Algarve ser hoje dos mais elevados do país e do índice nasal da mesma província ser também dos mais altos. Alcácer está nos limites da Extremadura e do Alentejo. Ora o facto não se verifica para estas províncias, mas para o Algarve que está mais longe ⁽¹⁾.

Emfim, quer tenham ou não subsistido na região os elementos salacianos referidos, inclino-me a atribuir menos à persistência de certos tipos primitivos do que a penetrações de extranhos no pôrto interior do Sado, as tendências braqui-platicéfalas e prognatas de que dei notícia. Os visitantes cartagineses especialmente não deixariam apenas aos indígenas os anéis de ouro, os ovos pintados de avestruz, as placas de marfim, as candeias típicas e outras peças de que Vergílio Correia faz menção. Entre eles vinham também indivíduos de caracteres antropológicos diversos do tipo dominante indígena. Alguns ficariam por cá, como colonos ou mais provavelmente como escravos cedidos pelos mercantes púnicos aos compradores locais. Daí, provavelmente, o que há de antropológicamente aberrante, em relação ao crível tipo indígena, nos restos exumados em Alcácer.

Julgo menos presumíveis outras hipóteses, como a de se tratar de elementos braquióides vindos com os invasores celtas ⁽²⁾,

(1) Fonseca Cardoso, *Antropologia portuguesa* «Notas sobre Portugal», vol. I, Lisboa.

(2) Bosch Gimpera incluía Alcácer do Sal no domínio cultural a que pertencem as necrópoles post-hallstáticas de Castela (Vd. apêndice à *Hispania*, de Schulten, trad. espanhola, Barcelona, 1920, págs. 189 e 205; e, também de Bosch, *Los Celtas y la Civilización céltica en la Península Ibérica*, «Bol. de la Soc. Españ. de Excursiones», Madrid, 1921, págs. 33 e 54 do extr.). Sobre o tipo ou tipos físicos dos Celtas vd. *Povos primitivos*, pág. 312. Bosch considera o escaravelho egípcio de Psamético I (615-609) encontrado numa sepultura de Alcácer do Sal por Vergílio Correia como um importante achado, e dos raros achados peninsulares demonstrativos duma colonização fenício-cartaginesa no séc. VII (P. Bosch

ou de braquióides provenientes da Ásia anterior e cujos antepassados teriam vindo nas navegações dos Fenícios ⁽¹⁾). Esta última hipótese justificar-se-ia também, até certo ponto, pelo achado do escaravelho egípcio de Psamético (séc. VII a. C.), cuja aparição Bosch Gimpera atribui à vinda dos Fenícios ao Ocidente naquela data, sensivelmente anterior, aliás, à da necrópole (sécs. V a III a. C.). O papel atribuído por Vergílio Correia aos Cartagineses na difusão de certos elementos culturais até Alcácer do Sal, a existência de braquióides nas costas tunisianas, o provável negroidismo testemunhado por um ou dois exemplares prognatas da necrópole, são, entre outras, as razões que me levam a preferir a atribuição de vários caracteres antropológicos dos ossos estudados a penetrações exóticas determinadas pelas navegações púnicas.

Mas longe do meu espírito dar tal hipótese como assente. Os materiais são demasiado precários e os métodos impotentes para conclusões de tanta monta. Contentemo-nos com o registo sóbrio dalguns documentos.

No meu livro «Os povos primitivos da Lusitânia» escrevi em 1924: «A Antropologia não possui documentos directos e seguros para o estudo da etnologia da idade do ferro em Portugal. A prática da incineração e a destruição dos ossos inumados são as causas duma enorme lacuna na antropologia dessa fase. A descoberta duma necrópole de inumação correspondente a essa época e na qual surgissem bem conservados alguns esqueletos, seria duma alta importância e traria porcerto alguns esclarecimentos de vulto...»

Gimpera, *Fragen der Chronologie der Phönizischen Kolonisation in Spania*, «Klio», vol. XXII, Leipzig, 1928, pág. 351). Nesse mesmo trabalho Bosch considera a necrópole de Alcácer como *céltica* e dos sécs. V-III a. C. (pág. 352).

(1) É a conhecida braquicefalia de espécimes árabes e sírios de que me ocupei nos *Estudos da etnogenia portuguesa*, op. cit.

Ora, em Alcácer a incineração era a regra. De-veras reduzidos são, pois, os documentos osteológicos que ali escaparam à acção do fogo ou à destruição através dos tempos. Mas, como não há ainda mais e melhor, a sua descrição impunha-se como uma simples contribuição para a antropologia da idade do ferro no nosso território. É, de resto, a primeira baseada directamente em documentos osteológicos coevos, e não apenas em textos, estátuas ou efígies monetárias (1). Ela foi consequência das meritorias escavações de Vergílio Correia, a quem agradeço ter-me proporcionado o estudo do precioso material (2).

(1) Entre as figurações humanas referidas na minha tentativa iconográfica já citada (*Povos primitivos*, etc., pág. 303) encontram-se as estátuas de guerreiros galaico-lusitanos. Um curioso petroglifo dum guerreiro pre-romano, descoberto já depois dessa publicação no Monte do Castelo em Penafiel, foi por mim noticiado e descrito em vários trabalhos (Vd. sobretudo: «Águia», n.ºs 37 a 48, 3.ª série, Pôrto, 1926; «Broteria», fasc. 1, t. IV, Caminha, 1927, e *A Lusitânia pre-romana*, na «História de Portugal» dirigida pelo prof. Damião Peres, Barcelos, t. 1, pág. 193). Mas, se o petroglifo tem alto interesse arqueológico, nenhum possui antropológico, idênticamente ao que sucede com as referidas estátuas calálicas. É uma representação rude e quasi esquemática.

(2) Agradeço também ao antigo assistente da Faculdade de Letras do Pôrto, sr. dr. H. Pinto Lima, o auxílio que me prestou na laboriosa reconstituição dalgumas peças ósseas, estudadas neste artigo.